

A PRESERVAÇÃO DA IDENTIDADE DO AUTOR NA PRÁTICA DE REVISÃO DE TEXTOS

RICHARD WINCKELMANN MOMENTE¹
MÁRCIA DRESCH²

¹Universidade Federal de Pelotas – richard.litp@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – dreschm@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a fomentar a pesquisa em revisão de textos, a qual é, ainda, recente e pouco explorada. A área de pesquisa em textos é atualmente contemplada pelas teorias do texto e do discurso; contudo, ainda não há pesquisas suficientes sobre a prática de revisão, fator que dificulta a sua devida diferenciação com relação à prática de correção, o que, conseqüentemente, acarreta a generalização entre as duas. Para que tais práticas sejam diferenciadas e para que a revisão seja reconhecida como objeto de estudo, o trabalho propõe uma análise e reflexão do ofício do revisor de textos.

Sabe-se que a prática de revisão de textos implica, necessariamente, em fazer alterações no texto original, frutos do esforço do profissional da revisão em potencializar a mensagem do texto e garantir que este cumpra a sua função comunicativa. No entanto, o revisor pode arbitrariamente modificar conteúdo semântico dos enunciados, optando por palavras e expressões que diferem daquelas utilizadas, adequando-o às suas preferências pessoais, impondo a sua percepção e diluindo a identidade do autor original. Tal prática é propiciada pela relativa subjetividade e ausência de critérios para a revisão de textos (excetuando-se a aplicação das normas e convenções de escrita, que são critérios universais). A não ser que sejam devidamente fundamentadas e dialogadas, essas alterações podem não contribuir suficientemente para o sentido do texto e podem contrastar com as intenções do autor.

Frente a essas adversidades, busca-se analisar e refletir sobre as interferências lexicais feitas por revisores em textos acadêmicos, bem como discorrer sobre possíveis soluções para o problema. Para fundamentar o trabalho, serão utilizadas teorias que abordam a construção do sujeito e do processo comunicativo, no intuito de estabelecer critérios, bem como identificar e preservar o autor do texto.

Nos trabalhos de Émile Benveniste, especificamente na teoria da enunciação, encontram-se discussões sobre a existência de um autor implícito (a voz que narra o texto), diferente do sujeito real (aquele que existe no mundo real, que produz o texto). Segundo Fiorin (2001), o autor realiza recortes de si e daquilo sobre o que pretende discorrer, e é justamente por conta dessa habilidade e versatilidade de criar uma versão de si mesmo que o autor é autor implícito. Fiorin também destaca o fato de que não é possível ter acesso ao autor real senão por aquilo que enuncia nas diferentes semióticas. A partir desse conhecimento, considera-se imprescindível que o revisor preserve o texto trabalhado ao máximo, uma vez que este é o único meio pelo qual os leitores — os destinatários daquele texto — podem depreender o sujeito real, aquele que de fato produziu o texto em sua totalidade, mesmo que esteja revestido pelos seus recortes e pela versão criada de si mesmo.

Paralelamente à noção de depreensão do autor do texto, cabe uma reflexão à luz das teorias que discorrem sobre a construção de obras a partir do posicionamento valorativo do autor. O filósofo Mikhail Bakhtin, em seus textos que



dissertam sobre a formação do autor e da autoria, define o autor-criador (o qual, assim como em Benveniste, é diferenciado do sujeito real, o autor-pessoa), como uma função estético-formal engendradora das obras (FARACO, 2005). Defende-se também a ideia de que há uma “transposição refratada” do real para a obra — não se trata de um reflexo direto e perfeito, e sim uma refração, pois é uma visão permeada e atravessada por um viés valorativo do autor-real. Assim sendo, argumenta-se neste trabalho que o viés valorativo do autor sempre diferirá daquele do revisor, em maior ou menor grau, dada a subjetividade e a singularidade de cada sujeito.

De forma complementar, mais uma vez levando em conta os destinatários idealizados por quem escreve, Bakhtin reforça a relevância do posicionamento do autor-real perante o mundo para a construção da obra. Dessa forma, o autor-criador seria fruto de um posicionamento axiológico, um modo de ver o mundo, que constitui o objeto estético e tem a capacidade de guiar o olhar do leitor (FARACO, 2005). Ainda que se argumente sobre a suposta neutralidade do discurso científico (discurso ao qual os textos a serem analisados nesse trabalho estão vinculados), este deixa de ser neutro a partir do momento que possui uma intenção: a de convencer o leitor de que a discussão e os resultados obtidos são legítimos e dignos de crédito. Ou seja, mesmo no texto científico haverá a preocupação do autor do texto em direcionar o olhar do leitor para determinados aspectos de seu trabalho. É a sensibilidade para captar essa intenção, somada ao respeito às escolhas feitas pelo autor-pessoa para a concretização do autor-criativo que devem ser meticulosamente consideradas pelo revisor de textos na execução de seu trabalho.

2. METODOLOGIA

A princípio serão coletados trabalhos de diferentes gêneros textuais da área acadêmica (artigos, trabalhos de conclusão de curso, dissertações, etc.) que passaram pela revisão de um revisor profissional, para compor um arquivo generalizado. Em seguida, o corpus será composto de apenas um gênero, o qual será escolhido a partir do critério da maior quantidade de trabalhos recebidos. Isso permitirá, possivelmente, encontrar maior número de ocorrências, além de estabelecer coerência para a análise como um todo.

Serão aceitos para coleta de dados dois tipos de trabalho: aqueles de formato único, com marcas de revisão, nos quais é possível ver o texto original e a alteração feita pelo revisor; e, também, aqueles que estão sem marcas de revisão, desde que se receba também a versão original do trabalho, inalterada. No caso de ausência de marcas de revisão, as alterações do revisor serão identificadas a partir da ferramenta de contraste de textos oferecida pelo software Microsoft Word, a qual transformará o texto na versão preferencial para a análise, com marcas de revisão.

Os textos serão coletados, também, de duas formas. A primeira consiste em receber o trabalho diretamente do autor original do texto, o qual concederá autorização para análise do trabalho no ato do envio; a segunda, por sua vez, consiste em receber o trabalho através do revisor de textos. Caso o trabalho seja enviado pelo revisor, o autor original também será consultado e deverá conceder autorização para que a análise seja efetuada.

A análise do texto será feita através da busca de ocorrências de adequações ou sugestões lexicais por parte do revisor, acompanhadas ou não de justificativa. Para fins de análise, não serão consideradas alterações gramaticais da ordem da



coesão, apenas interferências no nível da significação do léxico, como substituição de termos de função nominal, verbal e adjetiva por outros, pois estes carregam maior subjetividade e dependem da percepção individual de quem os utiliza. As ocorrências serão analisadas do ponto de vista semântico, de modo a verificar a pertinência ou não de acordo com a contribuição para o sentido e o objetivo do texto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente momento, o trabalho encontra-se na etapa de aprofundamento da fundamentação teórica e coleta de textos para análise. Assim sendo, ainda não há resultados para serem discutidos.

4. CONCLUSÕES

Espera-se, na medida do possível, despertar e fomentar a pesquisa em revisão de textos, de modo a expandir o conhecimento e otimizar a prática da revisão. Paralelamente, espera-se conscientizar revisores presentes e futuros sobre a importância do respeito à identidade de quem escreve, bem como a necessidade de diálogo entre revisor e autor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, B. Enunciado, enunciado concreto, enunciação. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 61-67.

FARACO, C.A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2005. p. 37-57.

FIORIN, J.L. Da Pessoa. In: FIORIN, J.L. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Editora Ática, 2001. Cap.2, p. 58-126.